

RESENHA!


Tradição alemã de estudos de Marx desconhecida no Brasil

JORGE GRESPAN
 grespan@usp.br

Durante a Primeira Guerra Mundial Lenin pôs-se a ler a Lógica de Hegel, com a declarada intenção de compreender em profundidade as bases da dialética pela qual Marx havia criticado a economia política e apresentado as formas constitutivas do modo de produção capitalista. Mais tarde, essa pista, seguida por Roman Rosdolsky em seu estudo crucial sobre os Grundrisse, levou aos importantes resultados expostos no livro de Helmut Reichelt, em fim traduzido do alemão e publicado pela Editora da Unicamp. Reichelt propõe-se ir além de Rosdolsky, que teria se limitado a citar textos de Marx de evidente ressonância hegeliana, mas sem esclarecer o sentido da sua aproximação a Hegel. É um esclarecimento desse tipo que o presente livro oferece, ao reconstituir e analisar em minúcia a passagem estratégica da circulação simples de mercadorias ao capital, tema pelo qual começam todos os escritos de Marx desde os Grundrisse até O capital. Com esse trabalho, Reichelt se coloca entre os principais continuadores de uma tradição alemã de estudos marxistas, tão importante quanto pouco conhecida do público brasileiro. Autores como Backhaus, Hartmann, Theunissen, Fulda, Göhler, entre outros, sempre consideraram enganosa a confissão de Marx de ter apenas “flertado” com a filosofia de Hegel e lançaram-se à tarefa de estabelecer com rigor os limites e o sentido da relação entre dialética idealista e materialista.

Embora o título, Sobre a estrutura lógica do conceito de capital, anuncie um problema da obra madura de Marx, o livro começa buscando nos escritos de juventude alguns dos motivos principais que reapareceriam depois, bastante modificados. Entre os Manuscritos de Paris e

a Ideologia Alemã, Marx teria elaborado uma crítica da sociedade burguesa marcada pelas categorias de “distorção” e de “duplicação”. De acordo com elas, a vida humana perde o vínculo com a natureza e origina um conjunto de diferenciações, tais como base e superestrutura, ou como as facetas da existência do burguês, que depende dos demais para viver, mas que deve se afirmar pela competição. Esse “autoesfacelar-se e autocontradizer-se” da vida burguesa tem como fundamento a propriedade privada, definida por Reichelt como o oposto do direito natural do trabalho: ela não surge da extensão da prerrogativa de quem produz, como pretende a teoria liberal, mas, ao contrário, da ruptura desse direito pelo despojamento do trabalhador direto. Ela é intrinsecamente negativa, daí toda a negatividade característica da sociedade burguesa, a contradição que a move e a paralisa.

Apesar de encontrar essa estrutura dialética nos escritos de juventude, Reichelt confessa, afinal, que seu propósito era deixar claro o quanto as categorias de “alienação” e de “estranhamento” são a forma ainda insatisfatória com que Marx compreendia a proletarianização, sobre a qual fundará a crítica do capitalismo e da economia política. Da propriedade privada, de fato, Marx deriva os conceitos de valor e de capital, mediante os quais articulará a exposição dialética das categorias da sociedade burguesa na fase da sua obra que se inicia com os Grundrisse. É essa exposição que constitui o objeto central do livro de Reichelt.

Segundo Reichelt, Marx teria empreendido um novo estudo sobre Hegel ao redigir as anotações que foram depois de sua morte publicadas como os Grundrisse. Nesse estudo, muito mais extenso e profundo que o declarado, tomou corpo a ideia de uma exposição dialética, ao mesmo tempo crítica e sistematizadora das formas econômicas fundamentais do capitalismo. Não se trata de uma mera



SERVIÇO

Título: Sobre a estrutura lógica do conceito de capital em Karl Marx
Autor: Helmut Reichelt
Tradução: Nélcio Schneider
Editora da Unicamp
Páginas: 272
Áreas de interesse: Ciências sociais e História
Preço: R\$ 54,00

“aplicação” do método dialético hegeliano nem de qualquer outro, pois a dialética justamente impõe a unidade entre conteúdo e forma, isto é, entre o objeto analisado e a estrutura conceitual, unidade que permite conhecê-lo adequadamente. O estudo crítico do capital então iniciado por Marx só poderia adotar uma forma de exposição que explicitasse a contradição imanente desse sistema e que a fizesse aparecer como a matriz geradora de todas as formas sociais e de todos os conceitos do pensamento burguês.

Reichelt alega a enormidade da empreitada de reconstituir essas muitas formas e conceitos ao longo da exposição dos três volumes de O capital, para concentrar esforços na já referida passagem do valor, tal como se apresenta na seção sobre a circulação simples de mercadorias, para o valor que se valoriza. Para isso ele retoma as três determinações sucessivas do dinheiro – medida de valor, no preço; meio de circulação; e dinheiro autonomizado da mercadoria, isto é, entesourado ou usado como meio de pagamento. Nessa última, em especial, o dinheiro aparece na forma que antecede à do capital, como um fim em si mesmo cujo conteúdo já pode ser posto na fórmula D-M-D. A discussão aqui é muito interessante, por repercutir diretamente no problema atual da necessidade do padrão-ouro para o conceito de dinheiro de Marx. Se fosse esse o caso, o conceito ficaria comprometido em sua capacidade de esclarecer a situação da economia mundial depois de 1971, quando os EUA desvincularam o dólar do lastro em ouro. Reichelt fornece bons argumentos para a interpretação contrária, mantendo o Marx no debate atual e também garantindo o papel do conceito de dinheiro como pressuposto da dedução do capital.

Jorge Grespan é doutor em Filosofia pela Unicamp e professor do Departamento de História da USP.

Alunos-artistas começam a mostrar sua arte nos campi

LUIZ SUGIMOTO
 sugimoto@reitoria.unicamp.br

A quinta turma de alunos-artistas começa a espalhar arte pelos campi da Unicamp, com apresentações para a comunidade nas modalidades de artes visuais e multimeios, artes corporais, artes cênicas, música, diversidade cultural e literatura. Os 15 projetos selecionados no Programa Aluno-Artista, desenvolvido pela Pró-Reitoria de Graduação (PRG) e pelo Serviço de Apoio ao Estudante (SAE), foram anunciados no último dia 21 em cerimônia realizada na sala do Conselho Universitário (Consu).

O programa, que é direcionado aos alunos de qualquer curso de graduação que possuam talentos artísticos, já registra em seu histórico uma média de 80 apresentações mensais nos campi, enriquecendo o campo das manifestações culturais da instituição. Cada projeto selecionado tem até dois proponentes, cada um recebendo uma bolsa pelo período de oito meses, além de R\$ 3 mil para a execução do trabalho.

O professor José Ricardo Figueiredo, coordenador do SAE, afirma que para os alunos o programa tem papel análogo ao de uma iniciação científica ou de um estágio em outras áreas. “É uma oportunidade que poucas universidades oferecem, com os alunos podendo aprimorar seus projetos durante as apresentações. Em troca, a Universidade tem a possibilidade de florir os campi com ações artísticas, dando novos ares à vida acadêmica. E estamos buscando recursos para expandir o projeto também para fora da Universidade.”



O reitor José Tadeu Jorge com as autoras do projeto “Afrikanizar” durante o anúncio dos 15 projetos selecionados no Programa Aluno-Artista, no último dia 21

Para que a comunidade da Unicamp tenha mais acesso às apresentações artísticas, a maestrina Vivian Nogueira, assessora cultural do SAE, anuncia uma mudança no calendário do programa. “A partir desta 5ª edição, o Aluno-Artista está sendo desenvolvido de abril a novembro, ficando em consonância com o ano acadêmico. Outra mudança é a informatização do processo de seleção: antes, as inscrições eram feitas manualmente e entregues pessoalmente, e mesmo os pareceristas precisavam se deslocar até o SAE. Agora todas as etapas se darão pela via digital.”

O reitor José Tadeu Jorge, presidindo a mesa da cerimônia, disse que o Aluno-Artista é um dos projetos mais importantes e que trazem melhores resultados para a Unicamp. “Na Universidade, é fundamental ter o foco centrado na formação de recursos humanos qualificados e preparados para o exercício profissional. Para que isso ocorra, devemos criar os mecanismos e as condições necessárias para criar, produzir conhecimento e inovar. Além disso, há a relação com a sociedade, que nos financia e espera uma retribuição. A mensagem é para que vocês ocupem todos os espaços na busca desse contato social.”

A cerimônia foi prestigiada pela primeira dama do município de Campinas, Sandra Ciocci Ferreira, que nasceu em família circense e se formou em música popular na Unicamp, onde também obteve o mestrado e está prestes a defender o doutorado. Em sua saudação aos alunos, observou que quem escolhe uma carreira nas artes, como de música ou dança, ainda precisa procurar uma escola particular, pois a escola pública não oferece os conceitos básicos. “Isso está começando a mudar. Campinas já possui um projeto que a Prefeitura financia e a Unicamp gere, que é a Escola de Música. Hoje temos a melhor escola pública de música, porque os professores da Universidade estão lá.”

Lais Rodrigues Miola é uma das proponentes do projeto “Paisagens: olhares do não-visível”, selecionado na modalidade de artes corporais. “Acho muito bom participar desse programa, que é uma oportunidade de colocar nossas ideias em prática, o que muitas vezes queremos e não temos como. Nosso projeto relaciona música, dança e artes visuais a partir de paisagens que constituem a Unicamp, trabalhando com uma técnica em que essas três formas de arte se retroalimentam formando uma composição artística”, explicou a aluna do curso de dança, que elaborou o projeto com Giorgio Francisco Gianelli, da música.

Para encerrar a cerimônia no Consu, os alunos de música e violonistas Matheus Araújo e Franco Villalta, que formam o Duo São Paulo, apresentaram “Apenas uma crença”, mais um projeto selecionado no Programa Aluno-Artista 2015. Antes houve a exibição do teaser de “Coisa Malu”, projeto de midialogia desenvolvido no 4ª edição e premiado na Mostra de Filmes de Baurão.

Foto: Antoninho Perri